

CONGRESSO

Sarney, José
A derrocada da candidatura de Roseana fez José Sarney desistir da aposentadoria e retomar o comando político que o leva de volta à Presidência do Senado

Adriano Machado/BG Press



SARNEY E ACM: OS CHEFES DAS DUAS PRINCIPAIS OLIGARQUIAS REPRESENTADAS NO CONGRESSO REEMERGEM UNIDOS NO APOIO AO GOVERNO DE LULA

A volta do oligarca

Rudolfo Lago
Da equipe do **Correio**
Com agências

José Sarney (PMDB-AP) só precisou de 15 minutos para ser eleito presidente do Senado. Com a ajuda do governo e a interferência pessoal do ministro da Casa Civil, José Dirceu, Sarney *minou as resistências dentro* de seu partido e retorna ao cargo que exerceu em 1995. O novo presidente do Senado foi eleito com 76 votos. Houve três abstenções. A senadora Heloisa Helena (PT-AL) faltou para não votar em Sarney (*leia mais sobre a oposição interna do PT na página 7*). Ao lado de sua filha, Roseana Sarney, eleita também senadora pelo Maranhão, e de seu filho, Sarney Filho, deputado maranhense recém-filiado ao PV, o novo presidente do Senado é o chefe da principal oligarquia hoje representada no Congresso. A outra são os Magalhães, do senador Antonio Carlos Magalhães, de seu suplente e filho, Antonio Carlos Magalhães Júnior, e de seu neto, o deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, ambos do PFL da Bahia.

É curioso que os dois oligarcas, que estiveram juntos ao lado dos governos militares, estejam unidas agora na defesa do governo de esquerda de Luiz Inácio Lula da Silva. Especialmente Sarney. A candidatura do senador do Ama-

pá, de origem maranhense, teve a preferência explícita do governo. Sarney disputou o cargo com o senador Renan Calheiros (PMDB-AL), que desistiu ao perceber que não teria chances. O apoio do governo, na verdade, foi uma troca. O senador e sua filha, Roseana, fizeram campanha para Lula.

Reviravoltas como essa são uma constante na história de José Sarney, 72 anos. No início da década de 60, Sarney surgiu na política identificado com um grupo da UDN apelidado de "Bossa Nova". O grupo era ligado a Jânio Quadros, que acabou eleito presidente da República. No final da ditadura militar, Sarney presidia o partido do governo, o PDS. Com o crescimento da candidatura de Paulo Maluf para suceder João Figueiredo, viu-se no centro da conspiração que levou a vitória de Tancredo Neves e à criação da Aliança Democrática e do PFL. Teve de presidir armado a reunião que sacramentou o racha no PDS. Seu caminho natural era o PFL. Entrou no PMDB para ser vice de Tancredo. Pretendia trocar de partido depois. Com a morte de Tancredo, acabou de repente na Presidência da República. Permaneceu no PMDB para não trair o sentimento oposicionista que havia na eleição de Tancredo.

Quando deixou a Presidência da República, Sarney percebeu

que teria dificuldades em se eleger senador por seu estado natal, o Maranhão. Mudou seu domicílio eleitoral para o Amapá. No começo de seu mandato, preferiu recolher-se. Até o dia em que o irmão do presidente Fernando Collor, Pedro Collor, resolveu contar em uma entrevista à revista *Veja* todo o esquema de corrupção que havia no governo. Roseana, então deputada, assumiu posição de destaque no processo de impeachment de Collor. E Sarney voltou à tona.

Agora, novamente Sarney emerge para reerguer sua oligarquia que parecia em vias de extinção. Quando Roseana Sarney liderava as pesquisas de intenção de voto em 2001, Sarney chegou a pensar na sua aposentadoria política. Estava disposto a tornar-se mais conhecido por seus romances. A derrocada de Roseana, após a descoberta pela Polícia Federal do pacote de dinheiro irregular no escritório da empresa Lunus em São Luís, fez Sarney decidir-se por voltar ao comando político. O cargo de destaque escolhido por ele foi a Presidência do Senado.

PROJETO CONVENIENTE

Para o governo, um projeto conveniente. Caso Renan fosse a única opção, o Senado seria presidido por um dos expoentes do grupo no PMDB que trabalhou para que o parti-

do apoiasse o candidato derrotado do PSDB, José Serra. Eleito e fortalecido, Renan fortaleceria também a cúpula peemedebista e os sentimentos de oposição do partido. A vitória de Sarney no Senado forçará um rearranjo das facções peemedebistas, dando mais poder no partido aos aliados de Lula.

Não por acaso, em seu discurso de posse, Sarney disse que o Congresso não poderá se negar às tarefas de "assegurar a governabilidade, aprovar as reformas e promover o pacto social". Fez elogios ao presidente Lula ("sua biografia é uma referência do Brasil para o mundo democrático").

Sarney relacionou as reformas tributária e previdenciária como prioritárias e fundamentais para o governo. "Indaga-se muito se é possível fazê-las, se é possível aprová-las na velocidade que o País necessita. Respondendo que sim. Basta-nos a vontade política", afirmou.

O Senado que tomou posse hoje é numericamente favorável ao governo petista, pois apenas as bancadas do PSDB e do PFL, que somam 30 senadores, declararam oposição ao Palácio do Planalto. O que significa, teoricamente, que Lula contará com votos 51 senadores, dois a mais do que os 49 votos necessários para aprovação de emendas constitucionais.